

## OS GESTOS DOS PAPAS NA CULTURA DA MÍDIA

Maria Cristina Angelini<sup>1</sup>

### Resumo

O objetivo do texto é fazer uma análise da relação entre os gestos dos Papas que visitaram o Brasil e a cultura da mídia. Em seus 513 anos de história, o Brasil recebeu a visita de três líderes da Igreja Católica: João Paulo II, Bento XVI e Francisco. Cada um, num momento diferente da própria Igreja e da história do Brasil. E cada um tendo um destaque diferente na mídia. Para entender melhor a importância da repercussão desses gestos e seu destaque na mídia vamos rever um pouco da relação histórica da Igreja com a mídia. Retrocedendo ao espetáculo midiático da Inquisição até a abnegação do luxo do Papa Francisco passando pelos destaques dos beijos nos solos dos países que João Paulo II visitava à reação contida de Bento XVI diante das lentes de cinegrafistas e fotógrafos. A base teórica está nos estudos e análises de: Ismar de Oliveira Soares e Joana T. Puntel, Norval Baitello Junior e Harry Pross.

**Palavras-chave:** Comunicação. Cultura da Mídia. Papa. Igreja Católica. Gestos. Mídia primária.

### Introdução

As viagens de um Papa são sempre acompanhadas pela mídia internacional com interesse que vai muito além da religião. O líder da Igreja Católica Apostólica Romana está a frente de um batalhão de um bilhão e duzentos milhões de seguidores em todo o mundo. Mais do que uma determinação religiosa os discursos de um Papa se transformam em referência moral e política no mundo ocidental e em vários países da África.

Não importa o país e o objetivo. Onde o Papa estiver as lentes dos fotógrafos e repórteres cinematográficos estarão para não perder nenhum gesto, nenhuma atitude dele ou da reação do povo que vai às ruas para acenar ou para tentar chegar bem perto do Papa. Nas capas dos sites, dos jornais, das manchetes dos telejornais as imagens são do Papa. Não importa se beijando o chão, como fazia João Paulo II, ou subindo o avião carregando a própria maleta, como faz Francisco. É o gesto primário de cada um deles que mais excita os profissionais da imagem. Segundo Harry Pross:

---

<sup>1</sup>Mestranda em Comunicação no programa de pós-graduação da Faculdade Cáspers Líbero.

é o corpo que detém os primordiais meios de comunicação, os meios primários, que lhe possibilitam a alimentar elos com os outros”. (BAITELLO, 2008, p. 95-96)

### **A cobertura midiática**

No século XX os líderes políticos descobriram cedo a importância da mídia para seus projetos de divulgação e disseminação de ideias. Em 1935 Hitler inaugurou o primeiro serviço público de televisão. No ano seguinte surge a BBC em Londres. E de lá para cá o mundo acompanhou pela telinha parte da história da humanidade. Da chegada do homem à Lua à derrubada do muro de Berlim, do casamento da Princesa Diana e do príncipe Charles à queda das torres gêmeas. A mídia mais do que estar presente hoje se faz necessária.

Baitello chama a atenção para outro ponto da cobertura midiática. A sensação de proximidade de quem assiste:

Não é só uma comunicação primária mas também uma possibilidade de estabelecer, quem sabe um vínculo porque é vínculo, com sua complexidade, sua amplitude de possibilidades.(BAITELLO, 2008, p.101)

A mídia aproveita da imagem, publica os gestos do papa e foca, na reação, principalmente, da emoção das pessoas. É a imagem espontânea e ao mesmo tempo perfeita: gestos carinhosos com uma criança e a emoção da mãe ou dos pais de presenciar o filho ser abençoado pelo Papa. Como define Baitello.

Se pensarmos nos meios imagéticos visuais ou sonoros (fotografia, cinema, rádio, televisão), todos eles se ancoram na utilização da corporeidade como base e matéria prima, além de ser operados duplamente, em sua emissão e sua recepção, por seres humanos em sua viva e pulsante e corporeidade. (BAITELLO, 2008, p.97)

A produção, pela empresas de comunicação, e a fruição, por parte do público, do conteúdo dos meios de comunicação – rádio, cinema, televisão, jornais impressos, revistas, música, revistas em quadrinhos e outros meios - forma o que chamamos cultura de mídia. Esta cultura influencia no comportamento e nas noções de classe social, etnia, ética, raça, sexualidade e, como consequência, em muitas das decisões dos indivíduos, das empresas e das instituições, entre elas a Igreja. É na cultura da mídia, no contexto da visibilidade, que tudo geralmente adquire relevância. Segundo Santaella:

“Hoje vivemos uma verdadeira confraternização geral de todas as formas de comunicação e de cultura, em um caldeamento denso e

híbrido: a comunicação oral que ainda persiste com força, a escrita, no design, por exemplo, a cultura de massas que também tem seus pontos positivos, a cultura das mídias, que é uma cultura do disponível, e a cibercultura, a cultura do acesso. Mas é a convergência das mídias, na coexistência com a cultura de massas e a cultura das mídias, estas últimas em plena atividade, que tem sido responsável pelo nível de exacerbação que a produção e circulação da informação atingiu nos nossos dias e que é uma das marcas registradas da cultura digital”. (SANTAELLA, 2008)

No Brasil três papas marcaram a vida dos fiéis: João Paulo II, Bento XVI e Francisco. João Paulo II visitou o Brasil em 1980, 1991 e 1997. E pela primeira vez em seus 480 anos, o Brasil recebeu a visita de um Papa. E os fiéis do maior país católico do mundo conseguiram ver em solo brasileiro o sucessor de Pedro. Hoje, o Brasil tem 123 milhões de católicos, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A mesma pesquisa, divulgada em 2010, aponta que os aparelhos de TV estão presentes em 95,1% dos lares brasileiros. Ou seja: a mídia com imagens do Papa atinge inclusive muitos brasileiros que não são católicos.

Os discursos, as falas do Sumo Pontífice repercutem no mundo todo, geram análises de estudiosos, vaticanistas e norteiam a conduta de cerca de um bilhão e 200 milhões de fiéis católicos no mundo.

Os três Papas tiveram no Brasil uma ampla cobertura. Um espaço na mídia ao vivo e na preparação de cada visita. E os três retribuíram a dedicação eletrônica. As audiências das emissoras de tvs, das rádios e dos acessos aos sites subiram. Como é impossível que uma emissora sozinha cubra todos os passos, trechos e eventos da visita do Papa é formado um pool de emissoras para que seja possível televisionar tudo. Com o pool, cada emissora fica responsável por um “trecho” do trajeto ou por um evento específico. Ela abastece as outras com seu trabalho. Em troca vai receber das parceiras as imagens que estas fizerem. A audiência de um Papa é tamanha que inclusive a TV Record, de propriedade de Edir Macedo, o líder da Igreja Universal do Reino de Deus, que tem na Igreja Católica Apostólica Romana, a sua principal adversária, também integra o pool e transmite as atividades do Papa.

Podemos dizer, que João Paulo II é o Papa mais midiático da história da Igreja Católica Apostólica Romana até agora. O Papa João de Deus, como ficou conhecido no Brasil, esteve à frente das lentes das câmeras durante todo o seu papado. Tudo foi documentado à exaustão. Sua eleição, suas viagens o atentado que sofreu, o perdão que

ofereceu ao agressor, seu envelhecimento, doença, fraqueza e morte. Tudo foi acompanhado sempre por uma multidão. João Paulo II gostava da mídia. E a mídia gostava dele. Entrou para a história como a quinta maior audiência de televisão de todos os tempos: ao rezar o terço em 6 de junho de 1987 em comemoração ao ano Mariano que começaria dali a seis meses, João Paulo II receitou o rosário em latim e teve resposta, ao vivo, em 29 países. Audiência de mais de um bilhão de telespectadores nos cinco continentes.

Foi o primeiro Papa não italiano em 456 anos – o último antes dele foi Adriano VI, nascido nos Países Baixos. Foi o primeiro – e único polonês até agora – a ocupar o trono de Pedro. Um homem forte, simpático, acessível e esbanjando saúde que ia ao encontro das pessoas. Ele se tornou o papa Pop – uma brincadeira de palavras que pode significar a abreviação de popular quanto à de pope – papa em inglês. As pessoas quando se aproximavam dele expressavam no olhar nos gestos com as mãos que além de tocá-lo queriam formar um elo. É a mídia primária mais uma vez mostrando que o corpo é a primeira forma de comunicação com o outro.

O Papa chama a atenção da mídia pelo simples fato de ser o Papa, o líder de uma Instituição que foi uma das responsáveis para que a humanidade chegasse até os dias de hoje da maneira que chegou. Durante vinte séculos a moral, os costumes, a arte, a ciência, a política, a economia, a bagagem cultural e a formação de sociedade da humanidade foram moldadas pela Igreja Católica. Para os fiéis, os sucessores de Pedro enfrentaram e venceram crises com uma força que só pode ter inspiração divina. A bagagem cultural e a formação de sociedade da humanidade foram moldadas pela Igreja Católica.

### **A relação da Igreja e dos Papas com os meios**

Ora, com a transformação da comunicação do mundo, a Igreja foi obrigada a mudar sua maneira de se comunicar também. As viagens internacionais fizeram parte dessa estratégia. E obrigaram a mídia a ir atrás do homem que lidera mais de um bilhão de pessoas em todo o mundo.

Paulo VI foi o primeiro Papa a fazer viagens internacionais. Esteve em pelo menos trinta países, de acordo com a divisão geográfica de sua época. João Paulo II visitou 129 países e um Território. E Bento XVI, 29 países. Foi a partir de João Paulo II que a relação entre a mídia eletrônica e a Igreja Católica Apostólica Romana se intensificou. Mas bem antes

da invenção da eletricidade a Igreja percebeu a importância da mídia. No começo, vista como uma ameaça.

“Em 1487, Inocêncio VIII publica o inter múltiplices, no qual define o pensamento da Igreja sobre os meios de comunicação escritos e como abordá-los. O papa estava preocupado com a vida espiritual dos católicos e via no advento da imprensa uma nova tecnologia que poderia ameaçar o controle eclesiástico da produção cultural do seu tempo”. (PUNTEL, 2010, p. 24).

E foi essa preocupação com a ameaça do controle eclesiástico que levou a Igreja Católica a perceber o quão importante era a divulgação em massa de novas culturas e novos pensamentos. Como contraponto, a Igreja criou a primeira forma de censura de massa também. A Inquisição Romana imposta a artistas, cientistas, teóricos e todas as vozes dissonantes ilustra essa triste fase.

“Em 1542, Paulo II instituiu uma comissão de seis cardeais cuja missão era velar sobre as questões de fé para que «a fé católica florescesse e se desenvolvesse por toda a parte e qualquer perversão herética fosse banida dos fiéis cristãos (Bula Licet ab initio, de 21 de Julho). Esta comissão, conhecida pelo nome de Santa Inquisição Romana e Universal, com funcionárias cidades, no início tinha um carácter exclusivamente de Tribunal para causas de heresia e cisma. Paulo IV, a partir de 1555, alargou notavelmente o seu campo de ação ao fazê-la competente também para julgar questões morais de índole diversa. Em 1571, São Pio V criou a Congregação para a reforma do índice dos Livros Proibidos, que tinha a função de atualizar o elenco dos livros proibidos, elaborado pela Inquisição em 1557 e reformado mais tarde – em 1559 – por Paulo IV. Tal encargo, que inicialmente competia à Inquisição, foi exercido por este novo Dicastério durante mais de três séculos, até à sua supressão em 1917”. (VATICANO, 2013).

Só na gestão de Tomás de Torquemada, responsável pela Inquisição na Espanha e suas 14 colônias 170 mil judeus foram expulsos da Espanha. Duas mil pessoas foram condenadas à morte na fogueira. Os julgamentos também eram um espetáculo midiático. Os prisioneiros eram obrigados a se vestir com roupas diferentes. Eram marcados com a cruz de Santo André - um desenho em forma da letra “X”. Símbolo da humildade - depois eram levados a um palco onde o público podia assistir ao processo de condenação e humilhação. Para impedir a propagação de novas ideias que ameaçassem o poder da Igreja, a censura era impiedosa. Em 1530, Nicolau Copérnico apresentou para poucos cientistas sua teoria de que a Terra girava

em torno do Sol. Mas só em 1543, depois de sua morte é que, graças a um de seus discípulos, foi publicado o primeiro dos seis volumes de sua obra *Das Revoluções dos Corpos Celestes*. A Igreja Católica incluiu o livro no Índice – a lista dos livros proibidos por heresia. Vinte anos depois o frade dominicano Giordano Bruno acrescentou à teoria de Copérnico mais um dado científico. Dizia que o Universo era vivo, infinito e estava em contínua transformação. A Igreja exigiu sua retratação. Como ele não voltou atrás foi condenado. Morreu na fogueira, em 1600. Na mesma época o italiano Galileu Galilei começava suas pesquisas de astronomia. Só não foi condenado à morte porque era amigo pessoal do Papa Urbano VIII. Mas teve que enfrentar a prisão perpétua. O livro com as teorias de Copérnico só foi retirado da lista dos livros censurados em 1835. E Galileu foi reabilitado por João Paulo II apenas em 1992 – 350 anos depois de sua morte.

Foi também através da mídia que a Igreja fez seu mea culpa. Em março de 2000 o Vaticano divulgou um documento de 200 páginas intitulado "Memória e Reconciliação: a Igreja e as Culpas do Passado", reconhecendo uma série de pecados da Igreja e pedindo perdão.

Como sucessor de Pedro, peço que neste ano de misericórdia, a Igreja, fortalecida pela santidade que recebe do seu Senhor, se ajoelhe diante de Deus e implore o perdão para os pecados passados e presentes dos seus filhos. Para confirmar que os cristãos são convidados a assumir, perante Deus e os homens ofendidos pelos seus comportamentos, as faltas que cometeram. (...) Façam-no sem nada pedir em troca, animados apenas pelo 'amor de Deus [que] foi derramado em nossos corações' (Rm 5,5). (...) Os pedidos de perdão feitos pelo Bispo de Roma neste espírito de autenticidade e gratuidade, suscitaram diversas reações: a incondicional confiança que o Papa demonstrou ter no poder da Verdade encontrou acolhimento geralmente favorável, dentro e fora da comunidade eclesial. (VATICANO, 2013)

E em 2004, na ocasião do lançamento de um livro sobre a inquisição, João Paulo II aproveitou a oportunidade e numa entrevista coletiva, reconheceu e novamente pediu perdão, como indicam as reportagens da época:

Ele repetiu uma frase de um documento de 2000, no qual pela primeira vez o papa pediu perdão pelos 'erros cometidos a serviço da verdade por meio do uso de métodos que não têm relação com a palavra do Senhor'.

A declaração refere-se à tortura, aos julgamentos sumários, às conversões forçadas e às fogueiras nas quais eram queimados os acusados de heresia. Mas, na carta, o papa foi mais longe, dizendo que o pedido de perdão valia ‘tanto para os dramas relacionados com a Inquisição quanto para as feridas deixadas na memória [coletiva] depois daquilo. (FOLHA DE S.PAULO, 2004)

A Igreja de Roma aproveita hoje a constante cobertura dos meios de comunicação de massa para divulgar seus comunicados. É aí que o sucessor de Pedro faz contato com seus fieis. Os veículos, também, demonstram interesse quanto a essa divulgação porque sabem que estão tentando atingir mais de um bilhão de habitantes no planeta. Mas esse recurso foi descoberto ainda no século XIX.

O papa Leão XIII (1878-1903) começa uma relação diferente com a imprensa, em fevereiro de 1879 ele dá a primeira audiência coletiva concedida por uma papa a jornalistas. (PUNTEL, 2010, p.25)

O Papa Leão XIII foi o líder católico que deu apoio à pesquisa científica, permitiu o acesso de estudiosos aos arquivos do Vaticano e, com a encíclica Rerum Novarum (1891), lançou luz para o pensamento social da Igreja estabelecendo princípios para a participação dos fieis no movimento operário e a In plurimis, que repudia o comércio dos escravos e foi dirigida especialmente para os bispos brasileiros.

“É atribuído a Leão XIII o mérito da reconciliação da humanidade moderna com a Igreja”. (Nunes, 2007 – p. 144).

É Leão XIII que provoca uma discussão e reflexão na Igreja sobre o uso das novas tecnologias para tentar atingir o seu público alvo. É necessário se fazer presente na vida da sociedade.

A igreja raciocinou do seguinte modo: se a sociedade estava utilizando os meios de comunicação para o mal, então a Igreja também deveria usar esses mesmos recursos para difundir a boa mensagem, de modo a combater esse mal. (PUNTEL,2010, p. 25-26)

Na época de Leão XIII, os jornais diários estavam começando a circular com maior frequência em todo o mundo, principalmente na Europa e nos Estados Unidos. Os profissionais e os proprietários dos impressos tinham urgência em noticiar e contar os fatos:

locais, nacionais, internacionais, políticos e religiosos para todos. O Vaticano tinha a pretensão ou sentia a necessidade de influenciar nessas publicações. A missão da Igreja “anunciar o Evangelho” precisava ir além dos templos e das reuniões das comunidades, já não bastava a recomendação de São Gregório Magno (590-604):

Nas igrejas se colocam as pinturas para que os analfabetos ao olharem as paredes possam entender o que não são capazes de ler nos livros. (SOARES, 1988, p.32)

A Igreja, que caminhava lado a lado com o poder político queria ser ouvida e manifestar a sua opinião publicamente. O mesmo Leão XIII que recebe os jornalistas faz uma análise das atitudes dessa imprensa:

“Quando surgiu essa desenfreada liberdade de editar-se tudo quanto se queira, que melhor chamaríamos de libertinagem, os partidários de novidades ocuparam-se em disseminar, em seguida, uma multidão quase infinita de jornais, que se propuseram seriamente a impugnar ou pôr em dúvida os princípios do verdadeiro e correto, atacar e tornar odiosa com suas calúnias a Igreja de Cristo e convencer as mentes com doutrinas perniciosíssimas”. (SOARES, 1988, p.64).

Conviver com a liberdade de expressão, com as diferentes correntes filosóficas, partidárias, religiosas parece que sempre foi um desafio para a Igreja Católica. A Santa Sé ocupou o espaço público para expor as suas ideias, mas não queria discutir a sua crença em uma esfera pública segundo o conceito de Jurgen Habermas, já que a religião não tem uma estrutura democrática. Ela tem uma hierarquia, votos de obediência para o público interno, precisa difundir essa fé e não abre espaço para discussões dos dogmas, das políticas internas e das disciplinas. Ao mesmo tempo em que tem a missão de divulgar o Evangelho precisa de um veículo que permita a exposição de sua crença sem ter que enfrentar o confronto.

Foi Pio X (1903-1914) que colocou um freio na abertura feita por Leão XIII entre a mídia e a Igreja. Esse papa se dedicou a fazer reformas internas: revisão do direito canônico e a reforma litúrgica.

A Igreja logo percebeu que não era possível ser visível, passar a mensagem e se afastar ou repudiar as tecnologias da comunicação utilizadas pela sociedade.

Convencido pela influência dos meios de comunicação de massa e por seu grande significado, Pio XII (1939-1958) escreveu a proeminente encíclica *Miranda Prorsus* (1957) sobre a comunicação, destacando o cinema, o rádio e a televisão. (PUNTEL, 2010, p. 27)

Foi Pio XI (1922-1939) que percebeu no rádio a chegada de um grande aliado da Igreja. Rapidamente o Brasil também reconheceu a importância

A Rádio Vaticano foi inaugurada pelo Papa Pio XI, no dia 12 de fevereiro de 1931, com um discurso em latim, transmitido em todo o mundo. Logo depois da assinatura do tratado de Latrão, em 1929, o Pontífice encarregou Guilherme Marconi de construir uma estação de rádio no âmbito do novo Estado da Cidade do Vaticano, para poder comunicar livremente, para além das fronteiras, e falar aos católicos de todos os países: em muitas regiões do mundo, os regimes totalitários impediam, de fato, a liberdade da Igreja Católica. (...) Durante o pontificado de João XXIII, foram dedicadas três mil horas de transmissões, em 30 línguas diversas, ao Concílio Vaticano II. (...) Em 1970, o pessoal aumentou para 280 pessoas, de 38 países diversos, e transmitia em 32 línguas. Com Paulo VI também teve início a era das grandes viagens internacionais, que chegaria a seu ponto alto no pontificado de João Paulo II. A Rádio Vaticano se tornou, assim, itinerante, juntamente com o Pontífice, ampliando seus horizontes e suas relações internacionais. (RÁDIO VATICANO, 2013)

No Brasil a reza do terço, a “hora da Ave Maria” fazem parte da programação das emissoras de rádios desde a década de 50. Aos poucos, a Igreja Católica ganhou concessões de rádio e TV. Hoje são quatro emissoras de televisão de alcance nacional têm uma programação essencialmente católica: TV Aparecida, Rede Vida, Século XXI e Canção Nova.

E, tem um espaço garantido na TV Globo. A emissora prestes a completar cinquenta anos é a maior do país – uma das cinco maiores do mundo e lidera a audiência em todo o território nacional. E desde que começou a operar transmite, ao vivo, todos os domingos às seis horas da manhã a missa dominical. Até 1999 o programa recebeu o nome de “Santa Missa em seu Lar”. Em 1999 passou a se chamar “Santa Missa com o Padre Marcelo”. O programa tem metade da audiência do horário. E muitas vezes chega à casa dos 60%. A TV Cultura, emissora pública paulista, transmite ao vivo todos os domingos às oito horas da manhã “A Missa de Aparecida” celebrada no Santuário Nacional de Aparecida desde 1987, com uma média de dois pontos de audiência.

Depois do rádio e da TV a Igreja Católica está sempre de olho nas novas tecnologias para reforçar sua comunicação.

Em 2009, a ligação Rádio Vaticano - Centro Televisivo Vaticano desemboca no YouTube com o novo canal The Vatican - em quatro línguas, que em seguida aumentaram para seis - enquanto que em 2010 foi a vez do Twitter, com uma série de canais linguísticos, que se distinguem pelo prefixo 'news\_va\_'. A convergência da produção áudio, escrita e vídeo leva ao nascimento do Vatican Tic, um código distintivo dos encontros do Papa que permite liga-los a uma única agenda e ver os respectivos artigos e as directas de áudio e vídeo. É também desenvolvido um Player personalizado, o Vatican Player, que distribui todas as directas vídeo das celebrações papais produzidas pelo CTV, com o som da RV e os comentários na língua. E finalmente as App para os instrumentos móveis, smartphones e tablets, na versão Android e iPhone / iPad, com um serviço adicional de News, em relação ao Vatican Player, com actualizações sobre notícias de actualidade, serviços e entrevistas produzidas pela RV. (RÁDIO VATICANO, 2013)

Os padres brasileiros já usavam o twitter para se comunicar. Mas foi Bento XVI o Papa que colocou o Vaticano no twitter. E é o Papa Francisco que está popularizando essa nova maneira de comunicação entre os fiéis católicos. Ele posta mensagens praticamente, todos os dias. Dá conselhos, dicas para que todos convivam em paz, em harmonia. É praticamente um recado diário de esperança e fé.

No twitter, os laços sociais são dinâmicos e multidirecionais, ultrapassando as categorias primárias de “seguidores” e “seguidos”. (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p.96)

O papa Francisco é claro nas suas palavras no recado no twitter como é nas suas homilias e nas suas aparições. Os seus gestos primários, as suas atitudes no cotidiano são transparentes e isso reflete nos seus seguidores:

As ações não se dão em um vácuo. Nossa ação e seu conjunto de fatores devem ser considerados conjuntamente. (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p.39)

A Igreja Católica consolidou assim um espaço nos veículos de comunicação para evangelizar, comunicar a sua mensagem diariamente. Mas é nas visitas de um Papa ao Brasil

que essa comunicação se destaca. A mídia do mundo inteiro se volta para a figura do Papa e sua mensagem.

### **Os gestos na cultura da mídia**

A pergunta é: os gestos do Papa são feitos deliberadamente para atrair a mídia ou é a mídia que busca e destaca os gestos do líder da Igreja Católica Apostólica Romana?

João Paulo II usou sua habilidade linguística para se comunicar. Falava dezesseis idiomas. Conseguiu conversar com os representantes de todas as religiões. Realizou, praticamente, o sonho de João XXIII, ao promover o Primeiro Encontro Inter-Religioso. No dia 24 de janeiro de 2002, na Basílica de São Francisco de Assis, em Assis, na Itália, conseguiu reunir 150 representantes das maiores religiões: lideranças cristãs – católicos, protestantes, ortodoxos – e não cristãs: mulçumanos, judeus, budistas, hindus, jainistas, sikhs, xintoístas, zoroastristas, confucionistas e animistas. Foi o seu maior gesto público pela Paz entre as religiões. João Paulo II, disse em seu discurso:

O próprio Deus colocou no coração humano um impulso instintivo para viver em paz e harmonia. É um anseio mais íntimo e tenaz do que todo instinto de violência, um anseio que juntos viemos reafirmar aqui, em Assis.(JOÃO PAULO II)

O encontro teve uma cobertura intensa e foi amplamente divulgado pela mídia de todo o mundo. A repercussão foi grande: tanto para católicos quanto para os não católicos.

A mídia esta sempre à espera de uma surpresa do Vaticano e às vezes parece ainda não estar preparada para “encarar” a nova informação, a novidade. João Paulo II beijava o chão, abraçava crianças e fiéis de maneira espontânea. Seu sucessor, Bento XVI era contido, não tinha a espontaneidade de João Paulo II. Bem que procurou seguir seus gestos – no Brasil apareceu várias vezes para acenar para a multidão que se aglomerava na garoa do Largo São Bento para ver o sucessor de Pedro. Ele acenou, beijou crianças, abraçou fiéis. Mas não tinha o mesmo carisma de João Paulo. Mesmo assim, Bento XVI soube tratar a mídia. Usou seu lado culto e intelectual para deixar claro o conhecimento que tinha de sua Igreja.

Mais uma vez, a cobertura midiática transformou a renúncia do Papa num evento histórico. O anúncio foi feito no dia 11 de fevereiro de 2013, numa segunda-feira de carnaval, praticamente feriado no Brasil. O ineditismo da atitude de Bento XVI foi tão surpreendente que o diretor do jornal italiano **La Repubblica** escreveu:

Veremos uma sucessão de ineditismos. Não há história, literatura, doutrina, sequer uma prática estabelecida à qual se referir. O conclave não ocorrerá depois das exéquias, mas com um papa vivo. Esse conclave deverá se confrontar não somente com a memória do papa, mas com a força de seu pensamento - neste caso um papa teólogo, intelectual. (REVISTA VEJA, 2013)

Antes de sair, Bento XVI criou uma comissão de cardeais que deveriam apurar o que estava acontecendo com setores da Cúria Romana. O documento final já estava pronto e tinha cerca de 300 páginas, mas só o próximo Papa saberia o conteúdo de tais documentos. Novamente, o fato despertou a curiosidade dos fiéis e ocupou várias páginas e minutos da mídia. Os jornais italianos fizeram todo tipo de especulação. E dias depois foram publicados escândalos sexuais, rombo no banco do Vaticano, desvio e corrupção financeira.

Com alguns integrantes da direção da Igreja Católica, isto é, da chamada Cúria Romana, envolvidos em pecados tão mortais, a escolha do sucessor de Pedro traz novas surpresas. Depois das denúncias de pedofilia feitas pela imprensa, um cardeal eleitor confessa publicamente o pecado e não participa da eleição.

O novo Papa é mais uma vez um achado para a imprensa de todo o mundo: primeiro argentino, primeiro latino, primeiro jesuíta. Jorge Mario Bergoglio já começa fazendo gestos para deixar claro a imagem que quer ter: escolhe o nome de Francisco – o santo pregador da humildade, faz questão de pagar sua conta no hotel, dispensa as honrarias papais que lhe são oferecidas, carrega sua própria mala pessoal e na sua primeira fala pede orações para o povo e inclina-se diante do mesmo povo em gesto de reverência.

### **Considerações finais**

Na visita ao Brasil dispensa carros oficiais e de luxo, fica na chuva com seus fiéis, recusa o papamóvel blindado e para desespero da equipe de segurança ignora todos os protocolos: pega criança no colo, se coloca praticamente para fora do veículo para abraçar e beijar fiéis. Na viagem de volta para Roma dá uma entrevista dentro do avião. Pela primeira vez um papa fala de gays e do segundo casamento sem condenação:

Tantas vezes penso em São Pedro, que cometeu tantos pecados e venerava Cristo. E esse pecador foi transformado em Papa. Vocês vêm muita coisa escrita sobre o lobby gay. Eu ainda não vi ninguém no Vaticano com um cartão de identidade dizendo que é gay. Dizem que há alguns. Acho que, quando alguém se vê com uma pessoa assim, devemos distinguir entre o fato de que uma pessoa é gay e formar um lobby gay, porque nem todos os lobbys são bons. Isso é o que é ruim. Se uma pessoa é gay e procura Deus e tem boa vontade, quem sou eu, por caridade, para julgá-lo? (FOLHA DE S.PAULO ONLINE, 2013)

A atitude e os gestos de Francisco surpreenderam os jornalistas que estavam presentes. O repórter da Folha de S.Paulo, Fabiano Maisonnave resumiu essa surpresa:

Mesmo depois do domingo intenso, que incluiu um novo percurso de papamóvel e três pronunciamentos, Francisco, 76, respondeu às perguntas de pé por quase 90 minutos, não parando nem durante uma zona de turbulência e com aviso de atar os cintos ligado. Enquanto falava, surpreendia ao colocar a mão no bolso de sua vestimenta papal com a naturalidade de uma roupa qualquer. Para ouvir melhor um jornalista, se inclinou para frente e apoiou as mãos sobre uma poltrona. Chegou até a se abaixar para pegar um fone de ouvido que caiu na sua frente, mas alguém foi mais rápido. (FOLHA DE S.PAULO ONLINE, 2013).

A mídia está sempre atenta porque quando uma caixa de surpresas como a visita de um Papa se abre tem sempre uma grande repercussão e muita audiência.

A pergunta a respeito dos gestos do Papa, realizados deliberadamente para atrair a mídia ou criados de forma espontânea e muito repercutidos pelos meios de comunicação, marca a pesquisa em desenvolvimento. Provavelmente ocorre uma interação entre os gestos como expressão do corpo como mídia primária e os mesmos gestos repercutidos nos meios eletrônicos ou mídia terciária. Por outro lado, a pesquisa poderá ainda revelar uma interação

entre os diversos ambientes da comunicação: os ambientes calorosos dos corpos que se expressam nas relações entre o papa e as multidões (mídia primária), os mesmos ambientes repercutidos através de imagens ou textos nos meios impressos (mídia secundária) e, finalmente, ainda os ambientes compartilhados através dos meios eletrônicos (mídia terciária). Essa interação entre os diversos ambientes poderá também ser estudada a partir do fato que os gestos do Papa “preenchem e circulam através das diversas capilaridades da comunicação desde o corpo até os meios eletrônicos” (BAITELLO, 2010, p. 103). Ou ainda, “poderá também marcar a possibilidade de uma ecologia da comunicação” (MENEZES, 2012, p. 445) entre os corpos das pessoas diretamente envolvidas nos gestos e os corpos das pessoas que recriam a emoção destes gestos quando em suas casas ou outros locais os acompanham ou até mesmo “participam” utilizando meios eletrônicos.

#### **Referências**

BAITELLO Jr., Norval Jr. Corpo e imagem: comunicação, ambientes e vínculos. In: RODRIGUES, David (Org.). **Os valores e as atividades corporais**. São Paulo: Summus Editorial, 2008, p. 95-12.

BAITELLO Jr., Norval. As capilaridades da comunicação. In: BAITELLO Jr., N. **A serpente, a maçã e o holograma**. Esboços para uma Teoria da Mídia. São Paulo: Paulus, 2010, p. 103-113.

FOLHA DE S.PAULO ONLINE (15/06/2004). Disponível em:  
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u73742.shtml> . Acesso em: 20 set. 2013.

FOLHA DE S.PAULO ONLINE. Disponível em:  
<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/07/1318313-se-uma-pessoa-e-gay-e-busca-deus-quem-sou-eu-para-julga-lo-diz-papa.shtml> Acesso em 21 set. 2013.

MENEZES, J. E. O. Vínculos sonoros e ecologia da comunicação. In: BOURNHAUSEN, D.; MIKLOS, J.; SILVA, M.R. da. (Org.). **CISC - 20 anos. Comunicação, cultura e mídia**. São José do Rio Preto: Bluecom, 2012, p. 455-478. Disponível em: < [www.cisc.org.br](http://www.cisc.org.br)>. Acesso em: 14 set. 2013.

NUNES, Joaquim de Siqueira. **Vida, ações e reações dos papas. De São Pedro a Bento XVI**. São Paulo: Sermograf, 2007.

PUNTEL, Joana T. **Comunicação: diálogo dos saberes na cultura midiática**. São Paulo: Paulinas, 2010.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Do Santo Ofício à Libertação**. São Paulo: Paulinas, 1988.

SANTAELLA, Lúcia. A ecologia pluralista das mídias locativas. Revista Famecos, Porto Alegre, n. 37, dez. 2008. Disponível em:  
<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3229/2493>>. Acesso em: 13 set. 2013.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais** – a cognição conectiva do Twitter. São Paulo: Paulus, 2010.

RÁDIO VATICANO. Disponível em: - <http://pt.radiovaticana.va/bra/chisiamo.asp> - . Acesso em: 10 set. 2013.

REVISTA VEJA ONLINE. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/conheca-outros-papas-que-renunciaram-antes-de-bento-xvi>. Acesso em 29 julh 2013.

VATICANO. Congregação para a Doutrina da Fé. Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_pro\\_14071997\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_pro_14071997_po.html) . Acesso em: 30 ago 2013.

VATICANO. Congregação para a Doutrina da Fé. Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/cti\\_documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20000307\\_memory-reconc-itc\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20000307_memory-reconc-itc_po.html) . Acesso em: 30 ago 2013.